

1999

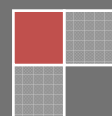
Estória / História

Linhas Cruzadas, ano 3, nº 6, pp 48-49

Miguel Vale de Almeida

MIGUELVALEDEALMEIDA.NET

2007



A sala de embarque sabia a refúgio. Refúgio do calor, da humidade, da confusão das ruas, da degradação. Aconchegado entre a polícia do controlo de passaportes e os néons do free-shop, o ocidental foge dos trópicos. Tem a barriga cheia. Isto é, tem a cabeça cheia: de imagens, sensações, experiências. Todas prontas para serem contadas quando aterrar na Europa. Para isso servem os trópicos: vai-se, sofre-se um bom bocado, regressa-se com historietas de sabor tropical e, no conforto de um apartamento, fica-se contando como tudo foi inesquecível. À distância, é claro. Carregado de informação, como uma versão em carne e osso de um computador, o ocidental está feliz por voltar à pátria. Os trópicos também servem para isso: para fugir deles. Na sala de embarque começa a descontaminação. Ele quer ficar sozinho, ler o jornal, respirar o ar condicionado, entrar no avião, comer frango aéreo, olhar para as nuvens e contemplar a cidade natal - ah, sim, Lisboa - com programada nostalgia.

Mas há sempre um português para dar cabo de tudo. O homem que se senta ao lado não parece, de início, ser português. Fala com sotaque brasileiro, calça botas de couro, segundo a moda sertaneja. Dirige-se ao ocidental, o lisboeta em viagem:

- E você, vai para onde?

- Lisboa.

- Eu vou para Carregal do Sal.

O sossego acabara. A sala de embarque não estava mais imune à contaminação do exterior. O homem trazia consigo uma história e, com ela, um pedaço do trópico lá fora. O ocidental pousa o jornal. Escuta a história, enquanto com o outro ouvido espera a chamada para o embarque:

- Por pouco não entrava. Quer dizer, por pouco não saía do país. Ainda tive ali um pedaço complicado com o policial federal. Sabe o que é? É que eu matei um cara.

Agora sim, os trópicos tinham-se instalado definitivamente na sala. E o ocidental, canibal de histórias e estórias, presta atenção e toma notas mentais.

- Pois é, matei um cara e estava com receio de não conseguir sair do país. Mas o processo vai ser arquivado e não havia nenhuma ordem judicial para não me deixar sair. Mas eu conto a história p'ra você que é para não pensar mal de mim. O cara que eu matei era um policial. Um policial fardado, lá no interior do Pernambuco. Eu tive um caso com a mulher do cara, uma cabocla bem gostosa. O cara ficou sabendo e um dia foi lá a minha casa para ajustar contas. Nesse dia eu estava dormindo e foi a minha mãe quem abriu a porta. Veja lá, a minha mãe, coitadinha, tinha oitenta e quatro anos. Ela abriu a porta e o cara começou logo a gritar, a dizer que queria me pegar e fazer isto e aquilo. Eu acordei com a gritaria. Primeiro pensei que era um bandido. Levantei-me correndo e quando cheguei à porta vi que era o policial. Policial é pior que bandido. Pode ter a certeza. A minha mãe, coitadinha, estava assustada, mas teve coragem e disse p'ra ele que não entrava de jeito nenhum, que ninguém ia fazer mal ao filho dela. Aí o policial começou a bater nela. A bater numa velhinha de oitenta e quatro anos! Foi nesse momento que eu cheguei à porta. Aí corri o cara a soco. No dia seguinte procurei ele. Já era de noite. Ele saiu da delegacia e começou a caminhar para

¹ Baseado em factos reais

fora da cidade, acho que morava lá bem na saída. Não paguei a ninguém, quis ser eu a fazer o serviço. Saquei do revólver e piquei fogo nele. Quer dizer, matei o cara. O cara pagou. Eu cobre.

O ocidental sentiu um véu de suor percorrer-lhe o pescoço. Regressava a confusão das ruas? A sensação de perigo iminente? E como se conversa com um homem que matou alguém? E com quantos homens que mataram outros homens já teria falado sem o saber? Não conseguiu dizer nada. O ocidental, testemunha da história, ouvinte da estória. Canibal.

- Que espécie de filho seria eu se não fizesse nada? Deixava o cara bater na minha mãe, uma velhinha de oitenta e quatro anos? De jeito nenhum. Matei ele bem morto. Aí começou o processo e tudo isso. Mas eu pensei em tudo. Não havia testemunhas. E arma, nem vê-la. Eu desmontei ela e enterrei lá na minha fazenda. Mesmo assim vieram atrás de mim, sempre havia quem soubesse que eu tinha um caso com a mulher do policial. Mas aí eu arranjei testemunhas. Nove testemunhas a meu favor. Arranjei daquela maneira que você sabe, mas arranjei. Agora o processo vai ser arquivado.

O ocidental não sabia o que dizer. Afinal não era uma história banal? Uma estória banal? O homem não estava a contá-la como quem relata um acidente de carro visto no caminho para o aeroporto? Para uma história banal, uma pergunta banal:

- E o senhor ainda tem família em Portugal?

- Tenho uma irmã. Lá em Carregal. E estou pensando mudar para lá. Sabe, isto aqui é um país muito violento. Não se tem paz nem sossego. É muito violento, tem muita morte, muito tiro. Já estou cá há muitos anos, fiz fortuna, graças a Deus, mas isto é muito violento e agora quero mais é sossego. Sabe, a minha fazenda é lá no sertão do Pernambuco. Fazenda de cristais. Aquilo para agricultura ou gado não dá nada. Dá é cristais. Tem cristal até dizer chega. E até esmeraldas. Mas fui muito roubado. Todo o mundo rouba aqui. E quando não rouba é corrupto. Do faxineiro ao Presidente da República. Ainda agora um americano roubou-me em 50.000 dólares, levou o material e nunca pagou, que os cheques eram todos falsos. E era um cara importante, rico. Chegam aqui e pensam que é filme de cowboy....

Silêncio. O ocidental continua sem saber o que dizer. Tem vontade de ir à casa de banho tomar notas da estória. Mas o sertanejo não deixa:

- O senhor sabe quanto é preciso pagar para não pagar direitos à entrada?

- Pagar para não pagar? Não percebo...

- É que eu levo amostras de cristais. Quero ver se começo o negócio em Portugal. Por isso levo umas amostras.

- E vão-lhe cobrar alguma coisa?

- Claro! Na alfândega. Quanto é que tem que pagar para não pagar?

- Bem... Ou o senhor passa sem eles lhe perguntarem nada ou tem que pagar o que estiver previsto na lei, não é?

Pela primeira vez o sertanejo olhou o ocidental com admiração. Ou seria desprezo?

- Tudo tem um preço. Em Portugal cobram por tudo e mais alguma coisa. Mas eu pago para não ter que pagar. Eles cobram, eu cobro. É assim a vida. Não tem nada que saber.

Levantou-se e arrastou as botas sertanejas pela alcatifa esverdeada e gasta. O ocidental não o viu mais. Tomou umas notas e aos poucos regressou à paz asséptica da sala de embarque. Não viu mais o sertanejo. Nem no avião nem à chegada a Lisboa. Terá subornado a guarda fiscal? Terá seguido para a Beira? Terá montado o seu negócio de cristais? Terá trazido uma pistola consigo? Terá uma amante? Trocará tiros com um marido traído? Terá uma fazenda no sertão beirão?

Como um vírus, o avião transportava consigo um pedaço de trópicos. Um analista mais sintético diria, simplesmente, que transportava um emigrante português de regresso à pátria, cansado de um país violento e com fortuna feita. O ocidental retomou a sua vida. Escreveu sobre os trópicos. Domesticou os trópicos com as teclas do computador. Esqueceu os trópicos. Um dia leu num jornal uma notícia sobre uma troca de tiros em Carregal do Sal, uma história obscura envolvendo traições amorosas e negócios de pedras preciosas. Nesse momento, as folhas do jornal foram agitadas por uma rabanada de vento quente e húmido como nunca se sentira antes.